



ENTREVISTA COM A ASSOCIADA VITALÍCIA DA ABPp- SEÇÃO SÃO PAULO

Maria Cristina Natel - Pedagoga, Psicopedagoga; Formação no Programa de Enriquecimento Instrumental – PEI (nível I e II); Membro fundador da Associação Brasileira de Psicopedagogia ABPp - Seção São Paulo; Membro do Conselho Nacional da ABPp; Presidente da ABPp - Seção São Paulo (gestão 2011-2013); Atual vice-presidente e Conselheira Vitalícia da Seção São Paulo; Atuação em consultório; Docência em cursos de Pós-Graduação Lato Sensu de Psicopedagogia; Mestre em Ciências - UNIFESP. F: 9951528.10 e-mail: natel-natel@uol.com.br

1) Se fizéssemos uma retrospectiva histórica sobre a Psicopedagogia, o que você nos contaria?

Posso afirmar que a Psicopedagogia tem contribuído significativamente, para a aprendizagem dos sujeitos.

Reparem que afirmei “tem contribuído significativamente, para a aprendizagem dos sujeitos” e, este é o grande “salto”: deixamos de olhar, somente, para aquilo que não vai bem e passamos a considerar o sujeito cognoscente como o objeto de estudo da Psicopedagogia.

Na prática isto significa que nos interessa, enquanto psicopedagogos que somos, saber mais sobre como o sujeito aprende do que somente por que não aprende.

Ressalto também que a Psicopedagogia embora não seja reconhecida legalmente, ela é legalizada pela sociedade e pela escola.

Enfatizo também, que a prática profissional do psicopedagogo não está restrita aos consultórios. No âmbito institucional, seja na empresa, no hospital / saúde e nas escolas (com a equipe discente e/ou da coordenação) é possível e necessária a intervenção psicopedagógica.

2) É fato que o acesso à escolarização ampliou e que temos praticamente todas as crianças na escola, mas, isso não favoreceu

a diminuição do analfabetismo funcional. Qual a contribuição da Psicopedagogia para tal quadro?

A escola, muitas vezes, enfrenta um dilema para conciliar a tradição e a renovação em diferentes aspectos.

A alfabetização, por exemplo, se entendida somente como uma decodificação de símbolos pode comprometer o papel leitor do sujeito.

Neste sentido, o psicopedagogo pode assessorar professores alfabetizadores desenvolvendo um projeto com o objetivo de rever e atualizar a concepção acerca do ler e escrever, pois, segundo Vygotsky é preciso considerar o papel do “outro” (professor), uma vez que “é com ele e por ele” que a informação (instrumentos e signos) é mediada e internalizada.

A alfabetização para além da técnica depende, portanto, da interlocução entre quem ensina e quem aprende.

A Psicopedagogia no âmbito institucional pode ser entendida então, como uma contribuição, pois, pode repensar com a escola e seus atores sua metodologia de ensino, por exemplo.

3) DA “escola para alguns” PARA “escola para todos”. Considerando-se tal premissa temos percebido que, muitas vezes, pratica-se a integração da/do diferente ao invés da inclusão de fato. O que a você pensa disso?

Embora semanticamente incluir e integrar tenham significados parecidos, é importante que saibamos distingui-los.

Identifico-me com a posição de M. Teresa E. Mantoan que aponta uma diferença marcante entre estes conceitos: enquanto que na integração é o aluno que deve adaptar-se às condições e normas da escola, na inclusão é a escola que precisa estar preparada e adaptar-se para atender aos alunos

A revisão de paradigmas é fundamental para se pensar e entender a inclusão: a incorporação de novas práticas está diretamente relacionada à concepção que o profissional tem a respeito do que é ensinar e aprender e, sobretudo o que é incluir e integrar.

Quando a prática apenas cumpre com o estabelecido, isto é, aquilo determinado pela lei sem fazer a devida revisão conceitual e metodológica pode-se favorecer a prática da integração.

4) As crianças do século XXI apresentam mais dificuldade de aprendizagem do que antigamente?

É preciso considerar que “antigamente” a não aprendizagem e a dificuldade de aprendizagem, recaía exclusivamente, sobre quem não aprendia, em uma concepção de ensino que reforçava os alunos bons, excluía os alunos ruins ficando esses últimos, muitas vezes” rotulados como preguiçosos, lentos e com má vontade para o estudo.

Ampliada esta compreensão e incluindo-se a família, a escola e a contribuição de pesquisas sobre quadros específicos que podem estar relacionados à dificuldade de aprendizagem, pode-se ter a impressão de que se fala mais hoje de dificuldades de aprendizagem.

Na realidade, o que se tem hoje é uma lente ampliada e diversificada sobre o processo de aprendizagem.

5) Escola e Família têm papéis e funções distintas. Conte um pouco de sua experiência na Psicopedagogia com essas duas instituições.

Acho imprescindível que o psicopedagogo conheça e estude sobre família, uma vez que a modalidade de aprendizagem do sujeito está relacionada com a modalidade de aprendizagem familiar.

A compreensão da funcionalidade ou da disfuncionalidade na dinâmica familiar contribui, sobremaneira, no diagnóstico psicopedagógico.

Consta da minha formação a participação, durante alguns anos, em um grupo de estudos sobre família e psicanálise que foi e ainda é fundamental para o meu exercício profissional.

6) Psicopedagogia com adultos?

Sim. Uma vez que o objeto de estudo da psicopedagogia é a aprendizagem entendo que devemos também pensar que o adulto do século XXI enfrenta desafios que implicam em novas e constantes aprendizagens.

Aprender a aprender se torna uma necessidade “quase que vital” para o adulto enfrentar o mercado de trabalho.

Há também um público adulto composto por jovens universitários que ingressam na faculdade e, por inúmeras razões “ não dão conta “ de cumprir com as exigências do curso escolhido.

A Psicopedagogia com e para adultos é, portanto, uma realidade.

7) Que aspectos você considera fundamentais na formação do psicopedagogo?

A formação do psicopedagogo segundo meu ponto de vista, se apoia em um tripé: a formação continuada, a supervisão e o trabalho pessoal.

A formação não se esgota, uma vez que somos eternos aprendentes.

A supervisão solidifica a formação e delinea o perfil profissional.

O trabalho pessoal permite que possamos nos colocar em uma posição de escuta necessária a intervenção psicopedagógica.

8) Resuma em uma frase a importância do psicopedagogo se associar à ABPp Seção São Paulo.

Fortalecer a Psicopedagogia e defender os interesses do psicopedagogo no Estado de São Paulo.

9) Que mensagem gostaria de deixar para os nossos associados?

Temos seções em todas as regiões do Brasil, sendo a do Estado de São Paulo a mais recente.

A **ABPp Seção São Paulo**, na região Sudeste, fundada em 2003 vem desenvolvendo ações, projetos visando o fortalecimento da Psicopedagogia no Estado e estimulando a participação do associado.

A adesão constante do associado na Seção São Paulo legitima nossa identidade e reconhece nossa história.

Gostaria de lembrar de algo que está publicado em uma edição da revista Psicopedagogia do ano de 2004 que diz o seguinte:

A legitimidade da Psicopedagogia enquanto práxis, e do psicopedagogo enquanto profissional já foi alcançada; é preciso agora legalizar / oficializar através de leis aquilo que já está legitimado.

Enquanto aguardamos a oficialização convidado: participem do único órgão de classe que representa a Psicopedagogia no Estado, a **ABPp Seção São Paulo**.

10) Para o profissional de psicopedagogia que está iniciando a carreira, que orientações você acha que são relevantes para o crescimento profissional?

A constante atualização buscando no referencial teórico o suporte para a prática garante a identidade profissional que vai se constituindo com a própria práxis.

Esta atualização implica, entre outras, em leituras, participação em eventos, a supervisão e o trabalho pessoal.

Cristina Natel